

Populista “pero no mucho”: o populismo e Donald Trump

Populist “pero no mucho”: populism and Donald Trump

Populista “pero no mucho”: el populismo y Donald Trump

Roberto Moll Neto

Professor de História da América da
Universidade Federal Fluminense
(UFF).

E-mail: roberto.moll@gmail.com

Resumo: Populista. Este é o adjetivo que jornalistas e analistas políticos de todo mundo, principalmente da América Latina e dos Estados Unidos, escolheram para caracterizar Donald Trump, desde que lançou a pré candidatura a presidência dos Estados Unidos, em 2015. Este artigo busca responder a seguinte pergunta: Donald Trump é mesmo um político populista? Para isso, inicialmente, procura compreender o debate acerca do conceito do populismo na América Latina e nos Estados Unidos, sem pretender encerrar, mapear ou esgotar todo arcabouço epistemológico, mas apenas ressaltar linhas gerais importantes a fim de evidenciar as diferenças em relação a utilização do termo nesses lugares. Em seguida, apresenta o debate sobre o populismo de Donald Trump, recorrendo a análise crítica de artigos jornalísticos e acadêmicos. Por fim, e mais importante, faz um estudo analítico sobre as propostas e os discursos de Donald Trump, com o objetivo de avaliar elementos populistas e não populistas. Como resultado, compreende que Donald

Trump não está inserido na tradição populista latino americana e tão pouco pode ser colocado na tradição populista estadunidense, muito embora articule elementos característicos do populismo em suas propostas e seus discursos.

Palavras-Chave: Populismo. Donald Trump. América Latina.

Abstract: Populist. This is how journalists and political analysts from around the world, especially from Latin America and the United States, portraits Donald Trump since he announced his campaign for presidency in 2015. This paper seeks to answer the following question: Is Donald Trump really a populist? To answer this question, this paper will explore the concept of populism in Latin America and the United States to highlight differences and similarities in these places. Then it will investigate Donald Trump's populism, using a critical analysis of journalistic and scholarly articles. Finally, and more importantly, this paper will analyze the proposals and speeches of Donald Trump to evaluate populist and non-populist elements. As a result, this paper concludes that Donald Trump does not fits on the Latin American and American populist traditions, even though he articulates discursive elements of populism in his proposals and speeches.

Keywords: Populism. Donald Trump. Latin America.

1. Introdução

Populista é o adjetivo que jornalistas e analistas políticos de

todo mundo, principalmente da América Latina e dos Estados Unidos, escolheram para caracterizar Donald Trump, desde que lançou a pré - candidatura a presidência dos Estados Unidos, em 2015. Mas, Trump é mesmo um populista como Getúlio Vargas, Juan Domingos Perón ou Lázaro Cárdenas? Ou é um populista com características típicas dos Estados Unidos? Aliás, Trump é mesmo um populista? A fim de responder essas perguntas, nas próximas páginas, este artigo investigará o retrato de Trump como populista. Antes de mais nada, este artigo buscará compreender o debate acerca do conceito do populismo na América Latina e nos Estados Unidos, sublinhando similitudes e diferenças. Todavia, vale ressaltar que não pretende encerrar, mapear ou esgotar todo arcabouço epistemológico acerca do debate sobre o populismo. Mas, apenas ressaltar linhas gerais importantes para evidenciar as diferenças em relação a utilização do termo na América Latina e nos Estados Unidos e, sobretudo, em relação a Donald Trump. Em seguida, este artigo apresentará alguns retratos do Trump populista, em artigos de acadêmicos e politicólogos

revelados na imprensa estadunidense. Por fim, analisará as propostas e discursos de Trump, confrontando com os principais estudos sobre o populismo e com os retratos apresentados.

2. O populismo na América Latina e nos Estados Unidos: interpretações clássicas

Em perspectiva histórica sobre o populismo na América Latina, Maria Moira Mackinnon e Mario Alberto Petrone (1999) afirmam o termo é frequentemente utilizado para caracterizar governos que estimulam o processo de industrialização com fins políticos através de políticas públicas e/ou assistencialistas e medidas de intervenção na economia, como subsídios, protecionismo e regulações. Como desdobramento, o termo também aparece como negação da democracia representativa, como sinônimo de demagogia, relações clientelistas e manipulação das massas (MACKINNON; PETRONE, 1999). Como lembra Norberto Ferreras, na América Latina, o populismo conceitua um fenômeno que se tornou mais aparente na década de 1930, “quando surgiram teses favoráveis a construção de um

Estado com capacidade de planejar, organizar e dirigir o desenvolvimento econômico e social e de intervir nos conflitos sociais” (FERRERAS, 2011, p. 215).

As análises ortodoxas sobre o populismo como um fenômeno específico da América Latina em seu período mais aparente seguem três linhas interpretativas: A) um momento de transição entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna; B) um estágio de desenvolvimento do capitalismo latino-americano no momento de superação da economia agro-exportadora e do Estado oligárquico; C) um fenômeno específico da correlação de forças local, social, econômica e política (MACKINNON; PETRONE, 1999).

Na primeira linha, Gino Germani sustenta que o populismo é reflexo da coexistência entre elementos que pertencem a sociedade tradicional e a sociedade industrial. A aceleração da industrialização e da urbanização na década de 1930 teria impulsionado uma abrupta participação política das massas, que excedeu os canais institucionais e os limites da própria democracia. Essas massas são, de acordo com a

interpretação de Germani, ineficientes politicamente, mas vistas como explosivas. Por outro lado, as elites industriais e tradicionais também são incapazes de conduzir o mundo político. Deste contexto, emerge uma figura carismática, que junto com as elites, consegue cooptar e manipular as massas populares através de vínculos diretos, reordenando o sistema na direção de um sistema capitalista controlado. Assim, os movimentos nacionais-populares, populistas, se apresentam como uma forma de intervenção das elites tradicionais e industriais em um processo acelerado de mobilização popular. (MACKINON; PETRONE, 1998). Com enfoque similar, Torquato Di Tella resume: o populismo é um movimento político com forte apoio popular e suas fontes de força são elites de níveis médios e altos, que buscam defender seu status quo; uma massa mobilizada, que aspira melhorias no quadro de transição da sociedade tradicional para sociedade industrial; e uma estratégia comunicativa que favorece a comunicação entre líderes e seguidores e anima o coletivo (MACKINON; PETRONE, 1998).

A análise do populismo como

um estágio de desenvolvimento do capitalismo latino-americano no momento de superação da economia agroexportadora e do Estado oligárquico surge na década de 1960, a partir da crescente influência da teoria da dependência e do marxismo. De caráter histórico estrutural, esta análise retira a ênfase na relação entre tradicional e moderno a fim de priorizar as condições históricas que possibilitaram a coalizão populista. Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero analisam o populismo como resultado do processo de substituição de importações, que fragmentou as classes dominantes e intensificou as contradições entre os projetos urbano industrial e rural oligárquico. Desse modo, a burguesia urbano industrial precisou buscar apoio e estabelecer alianças com os trabalhadores. Para isso, atribuiu um caráter nacional e popular e elencou um líder personalista ao projeto burguês desenvolvimentista, formando um bloco histórico para dar o golpe final na hegemonia da velha oligarquia (MACKINON; PETRONE, 1998). Nesta perspectiva, Otávio Ianni (1977) aponta que o populismo é fruto da conformação do mercado de trabalho capitalista e,

consequentemente, das relações de produção de tipo capitalista avançado, em que as massas de trabalhadores abandonam esquemas sócio-culturais gestados durante o período oligárquico e, gradativamente, adotam valores urbano-industriais. Desse modo, o populismo se configura em duas vertentes: A) o populismo das elites burguesas, que adotam estratégias para dirimir o conflito social, cooptando os trabalhadores por meio de subterfúgios objetivos e subjetivos neste novo contexto urbano-industrial; B) o populismo das massas, expresso nas demandas populares dos próprios trabalhadores neste período histórico. Essas duas vertentes se combinavam na relação entre capital e trabalho permitindo o populismo (IANNI, 1977, p. 88; MACKINON; PETRONE, 1998).

Por fim, na década de 1980, as análises revisionistas acerca do fenômeno populista colocaram xeque a passividade dos trabalhadores e buscaram explicar o fenômeno populista levando em conta as nuances da correlação de forças local, social, econômica e política. Para Maria Helena Capelato, a Revolução Russa e a crise do

capitalismo liberal após a Primeira Guerra Mundial animaram projetos políticos anti-liberais na América Latina, que defendiam um Estado fortemente e intervencionista com vistas a promover a ordem capitalista e o progresso. Na América Latina, os projetos anti-liberais buscaram incluir as massas populares a fim de evitar a revolução popular. Para isso, elencaram líderes carismáticos e populares e promoveram legislações a fim de mediar os conflitos sociais (CAPELATO, 2001). Vale ressaltar que nessa perspectiva, o Estado populista não se apresenta como enganador ou manipulador, mas como instituição capaz de construir apoio e legitimidade em um momento de instabilidade política. E, ainda que as massas participassem da política nacional de forma subordinada, tutelada e controlada, não significa que tenham sido manipuladas ou enganadas.

Para Ângela de Castro Gomes, o populismo se estabelece como um “pacto trabalhista”, em que os direitos e benefícios materiais foram recebidos e interpretados pela classe trabalhadora, que os apreenderá e os manejará de acordo com suas próprias realidades objetivas e

subjetivas. Neste sentido, o discurso e a ação do Estado e o discurso e a ação dos trabalhadores estão integrados de forma instável e exigem constantes reconstruções (GOMES, 2001, p. 48). Em grande medida, esse pacto entre Estado e massas populares foi sacramentado na constituição e na legislação trabalhista e esteve permeado pela repressão violenta sobre aqueles considerados elementos radicais. Mas mesmo que os projetos anti-liberais tenham encontrado problemas e soluções semelhantes em diferentes países da região, as especificidades das relações entre as elites e as massas dificultam aproximações, que agrupam diferentes personagens e movimentos em um mesmo conceito homogeneizador. Desse modo, algumas análises, inclusive, optaram por adjetivar ou substituir o termo populismo por trabalhismo para explicar os fenômenos populistas na América Latina.

Em certa medida, nos Estados Unidos, o populismo também está associado a um momento específico do desenvolvimento econômico e industrial do país que marcou a transição do centro do capitalismo do campo para a cidade. Os jornais do

estado do Kansas utilizaram o termo populismo pela primeira vez a fim de adjetivar o movimento social que surgiu no último terço do século XIX. Este era um momento de rápido aumento da produtividade industrial e agrícola combinado com uma crise econômica global e marcado pelo crescimento da imigração e pela ausência de políticas governamentais que pudessem mitigar os grandes débitos dos agricultores e as péssimas condições de vida e trabalho dos trabalhadores urbanos, que enfrentavam sérios cortes nos salários e oposição violenta aos sindicatos. Neste quadro, pequenos agricultores e trabalhadores urbanos se aliaram, sobretudo no sul e no meio oeste, a fim de construir um movimento, agora chamado de populista, a fim de exigir tratamento equitativo no mercado de bens e trabalho, cada vez mais dominado por grandes industriais, grandes proprietários e bancos. Para isso, propuseram a nacionalização das ferrovias, um sistema cooperativo de produção, um sistema de taxaço progressivo e medidas legais para garantir o poder dos grandes sindicatos e mitigar a formação dos trustes e os monopólios.

Em 1930, Vernon Louis Parrington, na introdução do livro *The Growth and Decadence of Constitutional Government* de James Allen Smith, afirmou que a característica fundamental da tradição populista radical estadunidense era a desconfiança sobre o governo e instituições centralizadas. Banqueiros, especuladores e grandes proprietários só teriam ficado ricos porque conseguiram a proteção e o suporte dos governos através de subornos e contribuições para campanhas. De acordo com o autor, as disputas em torno da elaboração da constituição dos Estados Unidos revelaram uma “amarga luta de classes” entre grandes proprietários e financistas aristocráticos de um lado e agricultores democratas de outro lado. No fim, segundo Parrington, com a exclusão da Carta de Direitos, a “Bill of Rights”, que tinha um viés social e democrático, a constituição representou a vitória dos interesses aristocráticos contra a democracia. Portanto, o governo sacramentado na constituição seria inexoravelmente aristocrático. (PARRINGTON, 1930).

No entanto, a morte da Carta de Direitos e a consolidação do

caráter aristocrático da constituição e do governo dos Estados Unidos não teriam aniquilado o espírito democrático. Ao contrário, as revoltas populares com vistas a devolver o governo ao povo seriam o motor da história estadunidense e estariam particularmente visíveis no jeffersonianismo, no jacksonianismo, no populismo, no progressivismo e até mesmo no novo liberalismo da década de 1930. Neste sentido, o movimento populista no final do século XIX, seria uma reedição do embate entre grandes proprietários e financistas aristocráticos e agricultores democratas. Os populistas teriam tentado recapturar o sentido revolucionário da revolução estadunidense, enfatizando o papel do povo através das organizações locais. Os governos centralizados deveriam ser substituídos pela soberania popular, que garantiria direitos individuais e universais inalienáveis, sobretudo, o direito de rebelião do povo contra o próprio governo, seja ele qual for (PARRINGTON, 1930).

Contemporâneo de Parrington, o historiador Charles Beard (1960) questionou a relação entre a constituição dos Estados Unidos, a

falta de democracia e o populismo. Para Beard, o problema da falta de democracia nos Estados Unidos não estava na constituição do país, mas na distribuição de riquezas. Para o historiador, gerações e gerações de estadunidenses interpretaram e modificaram a Constituição dos Estados Unidos exercendo seus poderes políticos, que eram resultado da luta de classes. Neste sentido, o movimento populista estava preocupado com questões objetivas da luta de classes, sobretudo na relação entre a produção no campo e na cidade, e seus reflexos na distribuição de poder. Segundo Beard, os populistas compreendiam que o fruto do trabalho de muitos estava sendo roubado para construir a riqueza de poucos capitalista, que consequentemente controlavam a imprensa e, sobretudo, a concentravam ainda mais terras, poder e capital. Diante disso, Beard nota que a plataforma populista era radical, incluindo imposto de renda progressivos; estatização de bancos, ferrovias e telégrafos; e eleição popular dos senadores (BEARD, 1960).

Diferente de Parrington, para Beard, o populismo não é fruto de um

embate idealista entre classes estáticas que defenderam a aristocracia e a democracia. Era resultado da luta de classes derivada das relações de produção no desenvolvimento do capitalismo estadunidense. Como consequência, as propostas populistas não respondiam a questões idealistas, mas as próprias questões materiais. Em suma, Beard viu o populismo como a luta daqueles que produzem contra aqueles que se apropriam das riquezas produzidas e consequentemente do poder político no processo de industrialização dos Estados Unidos. Assim, a análise de Beard guarda algumas semelhanças com as análises do populismo na América Latina, que inserem o fenômeno no contexto de desenvolvimento do capitalismo. Todavia, tal e qual Parrington e Smith e diferente das análises da América Latina, Beard reforça o populismo como um movimento de oposição radical a aristocracia e, por conseguinte, ao governo e as instituições centralizadas.

Richard Hofstadter, no clássico *The Age of Reform* (1955), não nega a importância da economia na conformação do populismo

estadunidense. Entretanto, para Hofstadter, o populismo é uma reação social e psicológica defensiva, que emerge da percepção negativa dos proprietários rurais acerca do novo mundo comercial, industrial e multinacional nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Portanto, em Hofstadter, o populismo emerge desse embate entre a percepção do declínio da importância do mundo rural e a nova realidade urbano-industrial. Por um lado, se configura como visão de mundo em que o povo busca assegurar protagonismo contra as novas elites industriais e agro industriais superpoderosas, que, supostamente, abusam do capital financeiro para subverter a democracia. E, por outro lado, como uma visão de mundo que busca garantir a conservação da posição social e cultural diante dos imigrantes que chegam, principalmente, do Leste e do Centro da Europa para reforçar esse mundo industrial como operários. Em outras palavras, o povo ganha protagonismo como grande salvador da democracia das pequenas comunidades contra golpes e maquinações das elites industriais e das novas elites rurais, muitas vezes apelando à xenofobia,

ao nativismo e ao anti-semitismo (HOFSTADTER, 1955).

Na década de 1970, surgiram novas interpretações sintéticas sobre o populismo estadunidense. Lawrence Goodwyn (1978) analisou o populismo como um movimento democrático, voltado para promover alternativas locais para combater as tendências centralistas do capitalismo urbano industrial. Nesta perspectiva, o populismo não estava baseado no ressentimento e não era expressão de uma percepção apocalíptica da vida rural, mas um esforço construtivo das pequenas comunidades rurais para estabelecer instituições e valores alternativos a fim de garantir sua própria existência diante do capitalismo urbano industrial (GOODWYN, 1978). Segundo Brinkley (1998) Goodwyn acreditava que o populismo teria sido a última chance de construir uma alternativa democrática ao moderno capitalismo oligárquico estadunidense. De forma geral, essa interpretação do populismo estadunidense reconheceu que o processo de modernização ampliou a exploração e os prejuízos de parcelas significativas da população, sobretudo no campo. Para estes, o

crescimento do mundo urbano industrial não foi apenas traumático psicologicamente e não se tratou apenas de defesa de uma posição social diante de uma perspectiva pessimista. O que estava em disputa era a viabilidade social e econômica da vida como conheciam. Em outras palavras, o populismo estadunidense não era apenas expressão de preocupações psíquicas ou simbólicas, mas também de interesses objetivos (BRINKLEY, 1998, p. 138-139).

De modo geral, a diferença mais nítida entre o populismo clássico na América Latina e nos Estados Unidos está nas relações entre a sociedade civil e a sociedade política no processo de industrialização. Na América Latina, o ideário e as experiências do populismo clássico impulsionaram projetos de desenvolvimento industrial nacional, que, supostamente, mitigaria as contradições inerentes àquela fase do capitalismo. Para isso, a centralização do governo em uma figura popular seria um elemento fundamental. Neste sentido, o populismo na América Latina em seu período clássico teria assumido

características anti-revolucionárias, embora transformadoras e, em alguns aspectos, progressistas. Nos Estados Unidos, o movimento populista surgiu como polo antagônico ao processo de industrialização acelerada. O projeto populista clássico estadunidense girava em torno da garantia de direitos universais e individuais que, supostamente, estariam em risco com o desenvolvimento centralizado e acelerado do capitalismo e das instituições. Disto decorre, que a pedra fundamental do projeto populista clássico estadunidense seria a descentralização do poder e da economia em favor das organizações locais e governos populares. Portanto, assume características radicais e, inclusive, reivindica uma revolução estadunidense inacabada, resgatando um ideal popular da independência dos Estados Unidos. Em comum, as análises clássicas do populismo na América Latina e nos Estados Unidos inserem o fenômeno em um momento de desenvolvimento de transição do capitalismo agrícola para o capitalismo industrial e neste contexto se apresentam como antagônicos ao liberalismo econômico.

3. Retratos de um Donald Trump populista: as propostas

Em maio de 2016, o historiador Omar Encarnación publicou, na revista *Foreign Affairs* latino americana, um artigo com o título “American Caudillo: Trump and the Latin-Americanization of U.S. Politics”. Segundo Encarnación, a eleição de Donald Trump seria mais um indício de que política estadunidense estaria em processo de latino-americanização. Nas palavras de Encarnación:

Tem sido fascinante observar a gradual e certa latino-americanização do político dos Estados Unidos. O sinal mais recente e mais convincente é a ascensão do candidato republicano Donald J. Trump, cujo fanfarronismo, demagogia e desdém pelo domínio da lei o colocam diretamente na tradição do Caudilho, um esteio da política latino americana (ENCARNACIÓN, 2016, sem paginação).

Encarnación comparou Trump com políticos que governaram a América Latina em quatro momentos distintos. Primeiro, comparou Trump a Juan Manuel Rosas, que governou a província de Buenos Aires por duas vezes entre 1829-1832 e 1835 e 1852, e Antonio López de Santa

Anna, que governou o México por diversos períodos breves entre 1833 e 1847. De acordo com Encarnación, ambos governaram seus países com a força de sua personalidade. Segundo, o autor comparou Trump ao ditador Rafael Trujillo, que governou a República Dominicana entre 1930 e 1961. Para Encarnación, Trujillo governou a República Dominicana de forma despótica e com um discurso racista, narcisista e machista. Terceiro, comparou Trump a Juan Domingo Perón, que governou a Argentina por duas vezes entre 1946 e 1955 e 1973 e 1974. Perón teria governado a Argentina com um pronunciado nacionalismo-populista, marcado pelo uso de “uma retórica que cria uma íntima conexão com a classe operária enquanto tenta implantar um programa econômico para alcançar o potencial de grandeza da Argentina”, reprimindo a imprensa e a oposição (ENCARNACIÓN, 2016). Por fim, Encarnación comparou Trump a, supostos caudilhos herdeiros da tradição populista, Carlos Menem, Hugo Chavez, Nicolás Maduro e Rafael Correa, que, como Perón, buscaram manter uma fachada democrática enquanto subverteram direitos civis e

liberdades políticas. Para Encarnación, de forma geral, Trump e todos esses “caudilhos” populistas souberam explorar a raiva diante do empobrecimento e o papel de forasteiro do mundo político capaz de substituir um sistema falido por uma nova realidade, que funcionaria bem para todos, especialmente para os mais pobres. Na América Latina, segundo o autor, caudilhismo populista teria deixado um legado de violência, atraso econômico e autoritarismo. Os Estados Unidos de Trump estariam no mesmo caminho, prestes a cruzar “a linha do que uma sociedade civilizada deve tolerar” (ENCARNACIÓN, 2016).

Dessa forma, Encarnación deduz, nas entrelinhas, que Donald Trump seria um caudilho populista, como os líderes latino americanos, e os Estados Unidos estariam passando por um processo de latino-americanização. Todavia, de certo, os Estados Unidos de Donald Trump não passam por um momento de transição do capitalismo agrário para o capitalismo industrial e guardam pouquíssima semelhança com a América Latina no período do populismo clássico. E, mais importante: fanfarronice, demagogia,

autoritarismo, racismo, narcisismo e machismo não caracterizam o populismo e a política latino americana, ainda que sejam características de políticos como Rosas e Trump.

Ademais, ao sustentar que há uma latino-americanização da política estadunidense, Encarnación atribuiu todas as características negativas da realidade política nos Estados Unidos, e especificamente de Donald Trump, a uma tradição exterior. Em outras palavras, os Estados Unidos, naturalmente, seriam o lócus de uma política positiva, o lugar do excepcional, sem nenhuma dessas características negativas em sua história política. Encarnación apaga boa parte da história política dos Estados Unidos, que poderiam ganhar os mesmos adjetivos, apenas para lembrar alguns casos mais notórios: o genocídio indígena, a segregação racial, a política dos chefes no Tammany Hall e a presença marcante de políticos como George Wallace. E, de alguma forma que não fica claro, as características negativas da América Latina teriam contaminado os Estados Unidos.

Outros autores retratam Trump

no cenário do populismo nos Estados Unidos. Na revista *National Review*, Jonah Goldberg afirmou que Trump parece os grandes populistas do passado, prometendo restaurar a grandeza dos Estados Unidos no mundo e apelando ao nativismo contra mexicanos e muçulmanos (GOLDBERG, 2015). Em outra revista popular, a *Newsweek*, Chris Lehmann afirmou que Trump estaria a reviver a velha causa populista do nacionalismo econômico, alcançando uma fração conservadora da classe trabalhadora, que pensa que o comércio livre e a globalização diminuem os postos de emprego e os salários (LEHMANN, 2015).

De forma mais detalhada, Walter Russel Mead, sustenta que o populismo de Trump está inserido na tradição populista jacksoniana, como referência a Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos entre 1829-1837. Na era Trump, esse populismo jacksoniano teria ressurgido como resposta a estagnação dos salários, a escassez de bons empregos para trabalhadores não especializados, ao esvaziamento da vida cívica, ao crescente uso de drogas e outros fatores associados ao declínio da qualidade de vida nas

cidades, sobretudo no interior do país. Todavia, para Mead (2017), o reaparecimento do populismo de Andrew Jackson também está associado à cultura e ao sistema de crenças e valores jacksonianos que sempre esteve presente no patriotismo estadunidense e se vê ameaçado pelas elites que apregoam o cosmopolitismo e políticas de minorias. Diante das políticas de imigração de mexicanos e muçulmanos, os populistas jacksonianos não se ressentem apenas da exclusão do mercado de trabalho, mas também de uma suposta marginalização dentro do seu próprio país. Eles não se opõe aos tratados de comércio porque entendem os pontos negativos e positivos. Mas porque consideram que não atendem aos interesses dos estadunidenses, exceto daqueles que negociaram os acordos. Em suma, os populistas jacksonianos acreditam que as elites cosmopolitas estão banindo os verdadeiros estadunidenses não apenas do mercado de trabalho, mas, sobretudo, dos ciclos de poder, dos meios culturais e até da demografia. Para Mead: “muitos eleitores de Trump estavam menos preocupados

em apoiar um programa específico do que parar aquilo que parecia ser um movimento inexorável do país em direção a catástrofe” (MEAD, 2017, p. 6).

Todos esses artigos associam Trump ao populismo clássico estadunidense através do nacionalismo, nativismo, racismo, machismo e xenofobia. Todavia, essas características não são suficientes para definir o populismo clássico nos Estados Unidos. Tão pouco servem para retratar completamente Trump. E, conseqüentemente, não são suficientes para caracterizar o presidente estadunidense como um “populista do passado” ou “um populista clássico”. Vale lembrar, relações internacionais, políticas migratórias e questões relativas a minorias, não eram os tópicos que mais interessavam ao público no processo eleitoral estadunidense em 2016. De acordo com pesquisa do Pew Research, terrorismo era o segundo tema mais importante para os eleitores estadunidenses, política externa era o terceiro, imigração era o sexto, questões relativas a raça e minorias étnicas era o décimo e política de comércio internacional era o décimo primeiro. O tema mais

importante para os eleitores estadunidenses era a economia. E, o tema era mais importante para os eleitores de Trump do que para os eleitores de Clinton (PEW RESEARCH, 2016).

Possivelmente, o apelo as questões migratórias e as supostas distorções no comércio internacional só ganharam importância porque foram associadas ao emprego e a economia. Neste sentido, de fato, a preocupação dos eleitores com o bem estar econômico poderia aproximar Trump dos populistas clássicos estadunidenses. Alguns analistas importantes buscaram explicar o populismo de Trump a partir da capacidade de articular demandas materiais e subjetivas. Michael Lind, historiador e articulista de destaque nos Estados Unidos, escreveu no politico.com que Donald Trump é o populista perfeito. De acordo com Lind, Trump, na verdade, teria se esquivado de questões que provocam a divisão partidária do eleitorado estadunidense, como questões relativas a minorias. E, ainda que temas como a imigração e a política comercial tenham ganhado centralidade em alguns momentos da corrida presidencial, o grande mérito

de Trump teria sido combinar posições populistas que interessam a essas frações sociais, como defesa da seguridade social, acesso a um sistema de saúde universal e políticas econômicas com o nacionalismo. Lind (2016) lembra que, na corrida pré eleitoral em 2000, Trump lançou uma manifesto, *The America We Deserve*, propondo, entre outras coisas, que gays pudessem se empregar nas forças armadas, um sistema de saúde voltado para os trabalhadores e o aumento da taxaço para os mais ricos (LIND, 2016). Para Fareed Zakaria, o populismo de Trump seria uma fusão de anseios populares materialistas e pós-materialistas. Zakaria lembra que a plataforma econômica de Trump compreende gastos em infra-estrutura, novos programas sociais e uma política comercial protecionista, embora também contemple redução de impostos e diminuição das regulações estatais sobre a economia. E, por outro lado, Trump teria percebido que uma fração importante dos estadunidenses reagem positivamente às ideias que reafirmam supostos valores culturais e morais estadunidenses (ZAKARIA, 2017).

De fato, Trump propôs um amplo programa de recuperação da infra estrutura estadunidense e de defesa do emprego. Todavia, essas propostas não visavam nacionalizar setores importantes ou limitar o poder político e econômico do grande capital. Ao contrário, buscavam recuperar alguns setores decadentes e tradicionais do capitalismo estadunidense, como as grandes corporações de comércio varejista e a indústria siderúrgica, dois dos setores que apoiaram a campanha presidencial de Trump. Evidenciando ainda mais a distância para o populismo clássico estadunidense, o programa de Trump propôs uma redução do papel do governo, principalmente a partir de uma política tributária regressiva e da eliminação de programas sociais e agências reguladoras. Isso não significa descentralização política. Tão pouco significa descentralização política em favor de organizações políticas locais. Ao contrário, significa redução do papel do governo em favor do capital.

Sob o pretexto de gerar emprego, Trump propôs e colocou em prática um plano que torna o sistema tributário estadunidense ainda mais

regressivo. Essa ideia está calcada na teoria conhecida como Supply Side Economics, que, resumidamente, prega que a redução de impostos, sobretudo, para as frações mais ricas da sociedade, que, supostamente, investiriam os recursos excedentes no setor produtivo, gerando crescimento e emprego. Além disso, Trump não aplicou nenhum tipo de taxação de lucros advindos de aplicações no mercado financeiro, ainda que em alguns momentos tenha ensaiado essa proposta. Esta lógica se repete no que se refere a substituição do Affordable Care Act, mais conhecido como Obamacare, pelo Health Care Act, o Trumpcare. O projeto de saúde de Donald Trump, sob a alegação de que o governo deve ser menor e interferir menos nas escolhas individuais, desobriga a adesão dos estadunidenses a um plano de saúde, reduz significativamente os subsídios do governo para tal e retira obrigações dos planos. É difícil associar essas concepções econômica a qualquer perspectiva populista, ainda que a redução de impostos possa ser retratada como um prêmio para aqueles que produzem e incluir marginalmente pequenos empresários e autônomos. Em suma,

muito diferente do populismo clássico estadunidense, as propostas de Trump não buscaram promover a descentralização do poder e do capital em favor de organizações políticas locais.

Acima de tudo, para um populista clássico, Trump não teve nenhum apoio de movimentos e ou organizações populares organizadas de massa. Ao contrário, dividiu o apoio significativo da elite econômica estadunidense com Clinton, levando a melhor por pouco. Segundo as pesquisas realizadas após a eleição, a maioria dos eleitores mais pobres votaram em Clinton. Entre os eleitores que recebem menos de US\$ 30000 anuais, 53% votaram em Clinton e 41% escolheram Trump. E entre os eleitores que recebem entre US\$ 30000 e US\$ 49999, 52% votaram em Clinton e 42% escolheram Trump. Entre os votantes que recebem US\$ 200000 e US\$ 249999 anuais, 4% do eleitorado, 48% escolheram Clinton e 49% elegeram Trump. E entre os eleitores que recebe, entre US\$ 250000 ou mais, que corresponde a 6% do eleitorado, 46% escolheram Clinton e 48% escolheram Trump (CNN, 2016).

4. Repensar o populismo nos Estados Unidos: discursos e ideologias

Em um esforço para repensar o populismo, Ernesto Laclau (2005) desvinculou o conceito de experiências específicas. Para isso, tentou elaborar uma teoria geral do populismo colocando ideologia e o discurso como elementos definidores e, conseqüentemente, como objetos centrais de análise do fenômeno. Inspirado em Gramsci, Laclau afirma que as ideologias, através dos discursos políticos das classes sociais, tem como finalidade apresentar percepções de mundo e representar supostos interesses nacionais. Por isso, os discursos políticos ideológicos carregam naturalmente elementos antagônicos. Uma classe ou fração de classe que consegue articular diferentes visões de mundo em seu discurso político neutralizando os antagonismos estaria em posição de conquistar a hegemonia. Assim, uma classe ou fração de classe constrói um discurso político ideológico populista para transformar ou antagonizar o bloco de poder. Neste sentido, o líder

popular carismático e o discurso identitário, mormente nacionalista, funcionam como elo de ligação e de pertencimento, atenuando as tensões internas e criando a identificação com o projeto populista. Em outras palavras, Laclau coloca o foco da análise sobre a mensagem, tomando como ponto nevrálgico o conjunto de reivindicações anunciadas e sua capacidade de agregar diferentes grupos.

Na perspectiva de Laclau, existiriam dois tipos de populismo: o populismo das classes dominantes e o populismo das classes dominadas. O populismo das classes dominantes seria expressão da classe ou fração de classe dissidente do bloco de poder que constrói um projeto político e um discurso ideológico incluindo as necessidades e desejos das massas para desafiar seus antigos aliados. O populismo das classes dominadas seria expressão legítima dos trabalhadores na luta de classes a fim de derrubar a hegemonia do bloco dominante através da fusão entre ideologia popular-democrática e o socialismo. Em ambos os casos, o discurso populista reúne e articula um conjunto de idéias populares

antagônicas ao grupo dominante (LACLAU, 2005; MACKINON; PETRONE, 1998).

Nos Estados Unidos, o historiador Michael Kazin (1998), inspirado em Laclau, Kazin aponta que, como ideologia e discurso, o populismo estadunidense precede e ultrapassa o movimento popular do final do século XIX. Coloca o populismo nos Estados Unidos como ponto central a oposição entre produtores, aqueles que produzem riquezas e serviços, e parasitas, uma pequena elite que enriquece às custas dos primeiros. Desse modo, o populismo como ideologia e discurso ataca a desigualdade, mas sem atacar problemas estruturais nas relações de produção. Mais do que isso, o discurso populista insiste que as elites parasitárias criam hierarquias sociais artificiais para dominar o povo. Consequentemente, o populismo insurge contra monopólios e grandes instituições que, supostamente, ameaçam as pequenas comunidades e os pequenos produtores. Em contrapartida, os populistas guardam um ideal romântico pelo poder local, agricultura familiar, igrejas do interior, e associações locais

independentes do governo e das grandes corporações. Ainda de acordo com Kazin, o populismo estadunidense adota um americanismo idealista e defensivo. Vêem os Estados Unidos como uma nação escolhida, onde podem ter uma vida idílica de oportunidades, mas, para isso, devem resistir ao domínio de governos totalitários e elites aristocráticas, nacionais ou estrangeiras, que ameaçam os ideais estadunidenses (KAZIN, 1998).

Kazin identificou e descreveu duas vertentes do populismo estadunidense. De um lado, os populistas de esquerda, que se voltam contra as elites corporativas e os governos, frequentemente vistos como parceiros, que traem os interesses dos trabalhadores. De acordo com Kazin, os populistas de esquerda “adotam uma concepção de povo baseado na classe e evitam se identificar como partidários ou opositores de qualquer grupo étnico ou religião particular” (KAZIN, 2015, p. 17). Mais do que isso, adotam uma versão do “nacionalismo cívico”, calcado na crença na igualdade fundamental de todos os seres humanos, no direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade e

sonham estabelecer um governo democrático, que deriva sua legitimidade do consentimento popular. De outro lado, os populistas de direita também culpam as elites e os governos. Mas definem o povo a partir de uma percepção étnica exclusiva. Para esses, o verdadeiro povo estadunidense são os cidadãos de origem europeia, que deve defender os interesses e os valores da nação frente a alianças entre as elites e os “outros”, negros e imigrantes. Segundo Kazin, portanto, o populismo de direita está calcado no “nacionalismo étnico”. Isto é, uma concepção da nação em termos etnoraciais, como um povo unido por sangue e cor de pele europeias, que, exclusivamente, os capacitam para governar. Em resumo, para Kazin a persuasão populista parte de um discurso em que as pessoas comuns são uma assembléia nobre e apresenta seus opositores como uma elite egoístas e antidemocrática a fim de mobilizar os primeiros contra os últimos (KAZIN, 2016).

Assim como Kazin, Mark Brewer (2016) aponta que a característica mais básica e fundamental do populismo é a percepção de que existe um conflito

entre o povo que trabalha e aqueles que, sem nenhum esforço, arrancam os benefícios dos primeiros. A partir do antielitismo, o populismo estadunidense reconhece que as elites controlam instituições autoritárias e centralizadoras, sobretudo o governo federal e as grandes corporações. Desse modo, o antielitismo se desdobra em um antiinstitucionalismo. Essa visão maniqueísta do mundo alimenta teorias da conspiração, que ajudam a definir o estilo de vida verdadeiramente estadunidense, que pertence ao povo. Bem como, ajuda a definir o inimigo comum, a própria elite, que ameaça o estilo de vida estadunidense. Assim, a importância da teoria da conspiração repousa em definir o “eu”, naturalmente sábio, e o “outro”, uma ameaça ao estilo de vida estadunidense. A fé na sapiência do povo e o anti-institucionalismo conformam um anti-intelectualismo, uma vez que encara os intelectuais, entendidos como experts, como apartados da realidade popular e marionete das elites nas instituições, principalmente, com o objetivo de criar conspirações. Mais do que isso, os populistas vêem os intelectuais como agentes da mudança do estilo

de vida verdadeiramente estadunidense (BREWER, 2016).

Diante deste debate, é possível fazer um sumário das características fundamentais do populismo estadunidense, seja de esquerda ou de direita, na perspectiva da ideologia e do discurso. Primeiro e basilar, a ideia de que existe uma contradição entre o povo, que produz riqueza, e uma elite parasitária, que está em instituições autoritárias e centralizadoras, no governo e nas grandes corporações. Mais recentemente, como apontam Kazin e Brewer, o populismo estadunidense tem encontrado essa elite parasitária em algumas minorias, que recebem benefícios governo. Na perspectiva populista estadunidense, o governo, as grandes corporações e as minorias se reforçam mutuamente. As grandes corporações e os governos controlariam o Estado e promoveriam políticas para minorias a fim de garantir sua posição como elite. Segundo, o populismo estadunidense reclama a perda de um suposto status do povo e da nação. Desse modo, idealiza uma nação imaginada através de um passado dourado. Terceiro, o populismo estadunidense aciona um nacionalismo idílico, que

pode se expressar como nacionalismo cívico ou como nacionalismo étnico, que respectivamente definem o povo como um grupo que tem direitos e deveres comuns ou como aqueles que compartilham as mesmas características etno-raciais. Quarto, mobiliza teorias da conspiração, que sublinham a diferença entre o povo que produz e os “outros”, que, além de parasitas, conspiram contra a nação. Consequentemente, o populismo estadunidense apresenta uma perspectiva anti-intelectual, na medida em que vê os intelectuais como agentes da elite. Quinto, o populismo estadunidense, de esquerda ou de direita, procura apresentar alternativas ao capitalismo, ainda que dentro das estruturas do próprio sistema.

5. Retratos de um Trump Populista: os discursos

Chantal Mouffe, que desenvolveu a análise do populismo como ideologia e como discurso com Ernesto Laclau, considera Trump um populista de direita. Segundo a análise de Mouffe, em entrevista para revista *The Nation*, uma parte das classes populares estadunidenses, em especial a classe média branca, se

sentiu abandonada pelas políticas neoliberais. Para Mouffe, o Partido Democrata, representante tradicional das classes médias e trabalhadores, se tornou um partido de Wall Street, desde Bill Clinton. Com isso, ainda de acordo com Mouffe, essa classe média branca perdeu expressão política para suas demandas. Trump teria conseguido conquistar o apoio dessa classe média prometendo recuperar direitos sociais e econômicos através de um discurso racista, que aponta minorias como privilegiados. Portanto, reconstruindo uma nova política identitária para além das disputas entre esquerda e direita (MOUFEE, apud, SHAHID, 2016).

Kazin em importante artigo no *The New York Times*, afirmou que Trump, assim como Bernie Sanders e outros populistas do passado, escolheu culpar as elites pelo que aflige a nação. Trump teria adotado um discurso contra as desigualdades e a corrupção em um momento em que os estadunidenses continuam insatisfeitos com as instituições que, supostamente traem as esperanças de justiça e igualdade. De acordo com Kazin, Trump, também como outros populistas do passado, apela ao

nativismo dos americanos brancos de classe média. Condena uma suposta elite globalista por promover uma política de fronteiras abertas, que estimula a entrada de trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos. Consequentemente, esses imigrantes, que aceitam receber pouco, estariam roubando empregos dos trabalhadores estadunidenses e impactando negativamente nos padrões de vida do país. Além disso, esses imigrantes, principalmente mexicanos e muçulmanos, trariam drogas, crime e outros perigos que ameaçariam a vida nos Estados Unidos. Em suma, para Kazin, o populismo de Trump é uma arte performática, que tem pouca semelhança com o populismo tradicional dos Estados Unidos, que evoca planos para a reformar a política e economia do país (KAZIN, 2016a).

Para Brewer, a mensagem de Trump sobre o impacto negativo do comércio internacional e da imigração sobre a economia e os empregos nos Estados Unidos estaria claramente alinhada a tradição populista estadunidense. Os acordos de comércio internacional e a imigração de mexicanos para o mercado de

trabalho estadunidense aparecem como resultado de acordos injustos, costurados pela elite que lucra com especulação, mão de obra barata e plantas fabris em outros países e, conseqüentemente, prejudicam os trabalhadores. A mensagem antiimigrante de Trump, que associa mexicanos ao crime e muçulmanos ao terrorismo, também repete o nativismo e o racismo de certas versões do populismo nos Estados Unidos. Portanto, o discurso populista de Trump combina as idéias de injustiça econômica, perda de status e ameaça ao modo de vida estadunidense. Tudo isso é reforçado por teorias da conspiração. Em resumo, o discurso populista de Trump estaria baseado na idéia de injustiça econômica, anti-imigração, perda de status e teorias da conspiração, que conformam inimigos comuns, “o outro”, imigrantes, muçulmanos e a elite conspiracionista (BREWER, 2016).

Todavia, Brewer aponta que alguns elementos distanciam Trump do populismo clássico estadunidense. Primeiro, a figura de Trump, empresário e elitista que passa longe de ser o homem comum, não se enquadra no modelo populista.

Segundo Brewer, o próprio Trump não se apresenta como um homem comum, mas como o mais inteligente e mais bem sucedido em qualquer assunto. Segundo, Trump não apresenta o juízo popular como solução para nenhum problema. Para isso sempre traz idéias e pessoas, supostamente, excepcionais. Terceiro, Trump não se opõe a centralização das instituições. Tece críticas a centralização e a incompetência de quem estava no governo. Mas não propõe a descentralização do poder em favor das comunidades locais (BREWER, 2016). Quarto, como amálgama dos elementos anteriores, Trump se apresenta como o mais capaz de governar os Estados Unidos, por conta própria, de forma centralizada.

A análise dos discursos de Trump reforça os elementos que o afastam do populismo clássico. Diante dos eleitores, o presidente estadunidense não se vê e não se apresenta como um homem comum, mas como um ser extraordinário e, francamente como membro de uma elite capaz de salvar o país. No discurso em que anunciou sua pré candidatura, em Nova Iorque, Trump aproveitou a instabilidade no Oriente

Médio para elencar sua própria excepcionalidade. Segundo Trump, os terroristas islâmicos (sic) estavam ricos, mas ele estava competindo pra ver quem tinha mais dinheiro. Falando sobre os gastos do governo Obama com websites para o Affordable Care Act, mais conhecido como Obamacare, Trump lembrou aos ouvintes: “Eu tenho muitos websites, tenho eles em todos os lugares. Eu contrato pessoas que fazem websites” (TRUMP, 2015). Ainda tecendo críticas sobre o governo Obama e o Obamacare, Trump afirmou: “Obama está indo jogar golfe. Ele deve ir em um dos meus campos de golfe. Eu convidaria ele, realmente vou convidar. Eu tenho os melhores campos de golfe do mundo” (TRUMP, 2015). Mesmo se apresentando como um forasteiro no mundo da política em outros momentos, Trump afirmou sua importância ao dizer que havia feito negócios com muitos políticos. E, que todos eles eram controlados por lobistas e interesses especiais. Portanto, por uma elite. Todavia, o próprio Trump reafirmou seu papel nessa elite: “eu tenho lobistas. Tenho que dizer a vocês. Tenho lobistas que podem produzir qualquer coisa pra

mim. Eles são ótimos” (TRUMP, 2015).

Em outro momento, ao contar uma história a fim de legitimar propostas para romper tratados internacionais de comércio, Trump frisou sua inserção na elite. Começou assim: “Um amigo meu, que é um grande industrial...” (TRUMP, 2015). Ao comentar sobre as estratégias da China para inserção internacional, Trump emendou: “Eu gosto da China. Eu acabei de vender um apartamento por US\$ 15 milhões para alguém da China. Eu deveria não gostar deles? Eu sou proprietário de uma grande parcela do prédio do Bank of America na Avenida das Américas 1290, que eu consegui da China em uma guerra. Muito valioso” (TRUMP, 2015). Sobre o financiamento da campanha presidencial, Trump afirma: “Eu estou usando meu próprio dinheiro. Eu não estou usando lobistas. Eu não estou usando doadores. Eu não me importo. Eu sou mesmo rico” (TRUMP, 2015). Em passagem que apresenta suas credenciais para presidência, Trump reafirmou seu caráter extraordinário e sua inserção na elite:

Eu sou uma empresa privada,

então ninguém sabe o qual é meu patrimônio. Mas quando você concorre a presidência, você tem que anunciar e certificar a todos os tipos de autoridades governamentais o seu patrimônio líquido. Então eu disse: “Tudo bem”. Estou orgulhoso do meu patrimônio líquido. Eu fiz um trabalho incrível. (...) Comecei em um pequeno escritório com meu pai (...). Eu aprendi muito. Ele era um excelente negociador. Eu aprendi muito, apenas sentando em seus pés brincando e ouvindo ele negociar com subcontratados. Mas eu aprendi muito. (...) Eu sou realmente muito orgulhoso do meu sucesso (TRUMP, 2015, sem paginação).

Trump inclusive revelou que seu patrimônio extraordinário em torno de US\$ 8,7 bilhões, mas afirmou que chegaria rapidamente aos US\$ 10 bilhões e fez questão de listar alguns dos prédios que possui.

E, em nenhum momento se mostrou contrário à elite econômica estadunidense. Em Detroit, cidade tradicionalmente operária e antigo centro da indústria automobilística no norte dos Estados Unidos, ao falar sobre o programa de redução de impostos, Trump afirmou que “os ricos vão pagar sua parcela justa, mas ninguém vai pagar um tanto que destrua empregos ou mine a capacidade competitiva dos Estados Unidos” (TRUMP, 2016a). Mais ainda, a elite econômica estadunidense

também seria vítima de acordos econômicos injustos. Segundo Trump, os empresários estadunidenses pagam os impostos mais caros entre as nações industrializadas. E as regulações estatais ferem de morte o desenvolvimento das empresas dos Estados Unidos. Nas palavras do republicano: “nós punimos empresas por produzirem nos Estados Unidos” (TRUMP, 2016a). Através desse subterfúgio discursivo, de forma bastante diferente do populismo clássico estadunidense, Trump coroa a aliança entre elite e povo, já presente na proposta inspirada na teoria Supply Side Economics, na medida em que a redução de impostos da elite beneficiária o povo com geração de emprego.

Trump se apresentou como um forasteiro do mundo político e como a voz do povo, mas nunca como alguém do povo. Em um dos discursos mais excitantes da campanha presidencial, na Carolina do Norte, Trump repetiu:

Como vocês sabem, eu não sou um político. Eu tenho trabalhado no mundo empresarial, criando empregos e reconstruindo bairros por toda a minha vida. (...) Eu falo a verdade para vocês e por todos que não tem voz nesse país. Eu falo a verdade em nome dos trabalhadores de fábrica que

perderam seus empregos. (...) Esses são os homens e mulheres esquecidos na nossa sociedade e eles estão muito zangados em muitos níveis. A pobreza, o desemprego, as escolas falidas e os empregos indo para outros países. Eu estou lutando por esses estadunidenses esquecidos (TRUMP, 2016b, sem paginação).

Todavia, em discurso em Pittsburgh, Trump afirmou, contraditoriamente com a narrativa de forasteiro do mundo político: “eu vi o sistema de perto e pessoalmente por muitos anos. Eu tenho sido parte importante desse sistema. Eu sei como o jogo funciona em Washington e em Wall Street e eu sei como eles manipularam as regras do jogo contra os americanos todos os dias” (TRUMP, 2016c).

Na Carolina do Norte, Trump deixou ainda mais claro que, embora seja a voz do povo, vive em um mundo diferente, quando explica aos ouvintes: “do mundo que eu venho, se algo está quebrado, você conserta. Se algo não está funcionando, você substitui” (TRUMP, 2016b). Ao explicar como funciona o seu mundo, Trump marca a distinção entre o lugar de onde ele vem e o lugar de onde o povo, ouvinte, vem. Ao se apresentar como forasteiro do mundo

da política, Trump se coloca ao lado do povo, não como parte dele. Isso fica evidente na distinção entre “eu” e “vocês”. Nas própria palavra de Trump: “não se trata de mim. Nunca se tratou de mim. Se trata do povo desse país que não tem voz. Eu estou concorrendo para ser sua voz. (...) Os poderosos estão protegendo os poderosos. Os de dentro estão lutando pelos de dentro. Eu estou lutando por vocês” (TRUMP, 2016b).

Sendo ele mesmo um homem extraordinário e sem se opor à elite, Trump não apresenta um discurso anti-intelectual, ainda que em vários momentos questione a ciência e os cientistas, especialmente, nas ocasiões que fala sobre o aquecimento global. Pelo contrário, Trump se apresenta como alguém capaz de mobilizar os melhores experts para salvar os Estados Unidos. No discurso de lançamento da candidatura em Nova Iorque, Trump criticou os acordos de comércio internacional. Mas ressaltou:

Nós precisamos de pessoas – eu apoio o livre comércio. Mas, o problema é que para o livre comércio você precisa de pessoas talentosas para negociar para você. Se você não tem pessoas talentosas, se você não tem grandes líderes, se

você não tem pessoas que entendem de negócios (...) livre comércio é terrível. Livre comércio pode ser maravilhoso se você tem pessoas inteligentes, mas nós só temos pessoas estúpidas (TRUMP, 2015, sem paginação).

Ele mesmo aparece como um grande expert em negociações, mas traria outros ainda melhores. Nas palavras de Trump: “uma das primeiras coisas que eu faria, provavelmente antes mesmo de entrar – e eu nem preciso disso – vocês sabem, tenho – conheço os negociadores mais inteligentes do mundo. Conheço os bons” (TRUMP, 2015). No discurso da vitória, também em Nova Iorque, Trump marcou claramente a importância dos experts para iluminar o povo, se afastando claramente do ideal anti-intelectual e do senso popular característico do populismo. Logo no começo do discurso, Trump falou: “nós chamaremos os melhores e mais brilhantes para alavancar seu tremendo talento em benefício de todos” (TRUMP, 2016d). Trump dedicou o discurso de vitória para elogiar as “pessoas talentosas”, que tornaram a campanha especial: “nós temos - temos gente tremendamente talentosa aqui. E eu quero te dizer,

foi - foi muito, muito especial” (TRUMP, 2016d).

Na narrativa de Trump, o inimigo do povo não é a elite. Diferente da ideologia e do movimento populista, o problema não é que uma elite controle o governo para realizar seus próprios ganhos. E, o problema também não é que o governo conforme uma elite que faz arranjos econômicos em benefícios próprios. Para Trump, o grande problema é o establishment que, supostamente, controla um governo grande de forma ineficiente. Mas o establishment não é a elite. Trump personifica o establishment com os Clintons e o Partido Democrata. Desse modo, Trump retira o foco dos problemas da elite e desloca para os Clintons e para o Partido Democrata, o grupo político rival. Nesse sentido, não agiu diferente de nenhum político desafiante. Por diversas vezes, Trump acusou Hillary Clinton de colocar seus interesses pessoais acima dos Estados Unidos.

No discurso na Carolina do Norte, Trump confessou ao público que não tolera injustiça, governos incompetentes e líderes que falham com seus cidadãos. Depois perguntou ao público: “Vocês não estão

cansados do sistema que fica rico as suas custas? Vocês não estão cansados da mesmas velhas mentiras e das mesmas velhas promessas quebradas? E Hillary Clinton tem provado que é uma das grandes mentirosas de todos os tempos” (TRUMP, 2016b). Ao criticar o tratado de livre comércio dos países da América do Norte (NAFTA - North Atlantic Free Trade Agreement), Trump afirmou: “Bill Clinton assinou o acordo e Hillary Clinton apoia o acordo. A Carolina do Norte perdeu aproximadamente metade dos empregos fabris desde que o NAFTA entrou em vigor” (TRUMP, 2016b). Ao denunciar a concorrência da China, Trump voltou a atacar os Clintons:

Bill Clinton também colocou a China na Organização Mundial do Comércio [OMC] – outra vez, Hillary Clinton apoiou esse acordo. Sua cidade de Charlotte perdeu um de cada quatro empregos em fábricas desde que a China entrou para OMC, e muito desses foram perdidos quando Hillary Clinton era Secretária de Estado – nossa diplomata chefe com a China. Ela foi um desastre, totalmente desqualificada para função” (TRUMP, 2016b, sem paginação).

Ao falar da política de imigração durante o governo Obama, Trump afirmou que “os erros de

Hillary Clinton destruíram vidas inocentes, sacrificaram a segurança nacional e traíram as famílias dos trabalhadores” (TRUMP, 2016b). Trump concluiu afirmando que: “eu nunca vou colocar ganhos pessoais antes da segurança nacional” (TRUMP, 2016b). No discurso em Pittsburgh, Trump disse que Hillary Clinton não estava concorrendo com ele. Segundo Trump ela estava “concorrendo contra a mudança, concorrendo contra todo povo estadunidense e todos os eleitores dos Estados Unidos” (TRUMP, 2016c). Em Detroit, Trump afirmou que todas as políticas que Hillary Clinton apoiou destruíram a cidade. E, que tudo que Hillary Clinton tinha a oferecer era “mais do mesmo: mais impostos, mais burocratas, mais limites sobre energia estadunidense e sobre produtividade estadunidense” (TRUMP, 2016a). Trump ainda disse ao público: “A única característica comum em todas as idéias de Hillary Clinton é que punem você por trabalhar e fazer negócios nos Estados Unidos” (TRUMP, 2016a). Ainda falando sobre o tema, alguns minutos depois afirmou: “Hillary Clinton tem julgamento ruim” (TRUMP, 2016a).

Na lógica de Trump, Clinton e Obama são responsáveis pelos postos de trabalho dos estadunidenses estarem indo para a China ou para o México. É culpa da política que os democratas representam. Em Detroit, Trump explicou o déficit nos postos de trabalho. De acordo com o presidente: “Os Estados Unidos também têm a maior taxa de imposto comercial entre as principais nações industrializadas do mundo(...). Em outras palavras, punimos as empresas por fabricar produtos na América - mas deixamos que eles entreguem produtos nos Estados Unidos sem pagar impostos e se mudarem para o exterior” (TRUMP, 2016a). Em alguns momentos Trump prometeu penalizar empresas que levam postos de trabalho para outros países. Mas, a solução para manter os empregos passaria, acima de tudo, pela redução dos impostos para as empresas, apontando e atacando o principal culpado pela fuga dos postos de trabalho: a política econômica de Clinton e Obama. De acordo com Trump: “nosso [projeto] de reduzir os impostos para empresas também irá acabar com as inversões corporativas que matam os postos de trabalho e vai causar a entrada de

trilhões de dólares e riquezas em nosso país – e em cidades como Detroit” (TRUMP, 2016a). Além dos impostos, as regulações, também associadas a política econômica de Clinton e Obama, impulsionariam a fuga de postos de trabalho dos Estados Unidos para outros países. Usando a indústria automobilística como exemplo, Trump afirmou que as empresas estadunidenses são excessivamente reguladas. E prometeu: “ao assumir o cargo, emitirei uma moratória temporária sobre os novos regulamentos. (...) Isso dará às nossas empresas americanas a certeza de que precisam reinvestir em nossa comunidade (...) começar a contratar novos empregos e expandir” (TRUMP, 2016a).

Os esporádicos ataques de Trump as elites, mormente aos especuladores de Wall Street e a imprensa, vieram sempre acompanhados das críticas a Hillary Clinton e, precisamente, porque apoiaram a candidata democrata. No discurso na Carolina do Norte, Trump disse ao público: “tem uma razão para os gestores dos fundos de investimentos, lobistas do mercado financeiro, investidores de Wall Street

estarem injetando dinheiro na campanha de Hillary Clinton. Eles sabem que ela fará o sistema continuar aparelhado em favor deles” (TRUMP, 2016b). Trump atacou a mídia pelos mesmo motivos. Mas não atacou todas as mídias. Nos discursos, as críticas sempre estiveram adjetivados pelos termos “stablishment” e “mainstream”. Portanto, não era um ataque a empresas ou aos grupos que controlam as mídias de forma geral, mas aqueles que apoiavam Clinton. No discurso em Pittsburgh, Trump disse: “A mídia mainstream desonesta (...) mente e fabrica histórias para fazer um candidato que não é sua escolha preferida parecer ruim e até mesmo perigoso” (TRUMP, 2016c).

Em contraposição, Trump se apresentou claramente como o candidato anti-status quo, personificado por Hillary Clinton. Portanto, ele salvaria os Estados Unidos e não o povo. Isso fica evidente na utilização sistemática do pronome em primeira pessoa do singular para realizar ações energéticas e eventualmente da primeira pessoa do plural, principalmente, para se referir ao

futuro governo. O povo não aparece como voz ativa, mas como passivo, que precisa de alguém ou de alguma coisa. Poucas vezes o eu, Trump, está com o povo, mas pelo povo. Isso, consequentemente, evidencia uma perspectiva centralizadora e autoritária, contrária ao populismo clássico estadunidense. Nas palavras de Trump: “Eu sou o candidato da mudança, Hillary Clinton é o status quo falido” (TRUMP, 2016a). No discurso em que lançou sua candidatura, Trump disse aos ouvintes: “nosso país precisa de um grande líder e nós precisamos de um grande líder agora. Nós precisamos de um líder que escreveu 'A arte da negociação'” (TRUMP, 2015). Ou seja, ele era o grande líder que o país precisa. No mesmo discurso, Trump assegurou: “eu vou fazer ser o melhor presidente que Deus criou” (TRUMP, 2015). Na Carolina do Norte, Trump prometeu aos leitores: “Eu vou ser o campeão do povo (...) Eu estou lutando por vocês” (TRUMP, 2016b). Em suma, nos discursos de Trump, exceto pelo mote “nós vamos fazer os Estados Unidos grande novamente”, tem muito pouco “nós, o povo” para um populista. Tem muito mais o “eu” autoritário e bonapartista.

6. Conclusão

Este artigo tentou mostrar que Trump não é se enquadra exatamente na tradição populista da América Latina ou dos Estados Unidos, muito embora articule alguns elementos do populismo em seu projeto político e discurso. Na plataforma política de Trump, o Estado não tem nenhum protagonismo na organização das forças produtivas com vistas a alcançar o desenvolvimento econômico. Bem como, organizações dos trabalhadores não tem nenhum papel de destaque e, conseqüentemente, não apresenta nenhuma proposta de descentralização do poder econômico e do poder político. Apresenta propostas de redução do papel do Estado na economia e na política, mas não em favor de novos setores emergentes do capital estadunidense ou de comunidades e lideranças locais. Por outro lado, o Estado aparece como força decisiva em algumas áreas, sobretudo no que tange, a política protecionista de comércio internacional. Dessa forma, constrói um espaço favorável para grandes e tradicionais áreas da economia estadunidense, como a

indústria metalúrgica.

No que tange a economia e o discurso, Trump, diferente do que se espera dos populistas, não se apresenta como um homem ordinário, que confia no senso popular e desconfia das instituições tradicionais. Ao contrário, Trump faz questão de se diferenciar do homem comum. E, suas críticas não se destinam as instituições tradicionais, mas, especificamente ao grupo político rival, que teria sequestrado as instituições. Na prática e no discurso, Trump não se apresenta como o homem do povo contra a elite. Mas como o homem da elite tradicional contra uma elite degenerada. Como aponta Corey Robin, Trump apresenta suas credenciais políticas através de virtudes heróicas no campo da economia. Ou seja, se apresenta como um grande homem da economia. Como aquele que sabe administrar, negociar, fazer dinheiro e escolher os melhores. Como desdobramento, sabe que muitos homens comuns querem ser extraordinários, com as virtudes que ele tem (ROBIN, apud, DENVIR, 2017).

Trump joga com a fantasia em

um momento de crise econômica e de embate entre as elites estadunidense. E é apenas neste contexto que pode ser retratado como um populista. Portanto, é possível ver Trump como um populista, mas como dizem na América Latina: “pero no mucho”. Mais do que isso, por um lado, a caracterização de Trump como populista reforça a caracterização temporal do populismo como conceito. Mas, por outro lado, coloca luz sobre estratégias políticas que, embora estejam distantes das experiências populistas, resgatam elementos discursivos e propositivos do populismo adaptando-os à uma nova realidade. Portanto, o caso Trump, mostra ao mesmo tempo, os limites da caracterização atemporal do populismo e o alcance temporal amplo dos discursos populistas.

Por fim, entre outras, resta uma lacuna importante para futuras pesquisa e pesquisadores. Como bem lembra a historiadora Maria Helena Capelato: “o termo populismo deslizou do campo acadêmico para o terreno político, apresentando, então conotação dicotômica ou maniqueísta. Dessa forma, ganha sentido positivo ou pejorativo, dependendo do grupo que o mobiliza

no debate público” (CAPELATO, 2001, p. 141). Agora, o termo populismo fez o movimento contrário: deslizou do terreno jogo político para o campo da análise política. A linha tênue que separa o “Populismo” do “populismo” sumiu. Então, por que retratar Trump como um populista?

Bibliografia:

BEARD, Charles; BEARD, Mary R. ***The Beards' New Basic History of the United States***. Nova Iorque: Doubleday, 1960.

BREWER, Mark. **Populism in American Politics. *The Forum A Journal of Applied Research in Contemporary Politics***. Berlin – Boston , v. 14, n. 3, p. 249 – 264, 2016.

BRINKLEY, Alan. ***Liberalism and its discontents***. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. ***Populismo latino-americano em discussão***. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CNN. ***Exit Polls***. 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/election/2016/results/exit-polls>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

DENVIR, Daniel. ***Donald Trump's Reactionary Mind: An Interview With Corey Robin***. 18 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2017/11/trump-corey-robin-reactionary-mind-interview>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

ENCARNACIÓN, Omar. ***American Caudillo: Trump and the Latin-Americanization of U.S. Politics***. 12 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-05-12/american-caudillo>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

FERRERAS, Norberto O. A sociedade de massas: os populismos IN: AZEVEDO, Cecilia

e RAMINELLI, Ronald (Orgs.) **História das Américas: Novas Perspectivas**. Rio de Janeiro, FGV, 2011.

GOLDBERG, Jonah. **Trump and Sanders Break the Mold for Populist Politicians**. 30 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.nationalreview.com/2015/12/donald-trump-bernie-sanders-populist-politics/>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

GOMES, Angela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito**. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOODWYN, Lawrance. **Democratic Promise: The Populist Movement in America**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

HOFSTADTER, Richard. **The Age of Reform**. Nova Iorque: Vintage Books, 1955.

IANNI, Octavio (org). **Populismo y Contradicciones de Clase em Latinoamérica**. Mexico D.F.: Era, 1977.

KAZIN, Michael. **The Populist Persuasion**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1998.

KAZIN, Michael. Trump and the American Populism: Old Wine, New Bottles. **Foreign Affairs**, Nova Iorque, v. 95, n. 6, p. 17 – 24, nov – dez. 2016.

KAZIN, Michael. **How Can Donald Trump and Bernie Sanders Both Be “Populist”?**. 22 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/03/27/magazine/how-can-donald-trump-and-bernie-sanders-both-be-populist.html>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

LACLAU, Ernesto. **Política e Ideología en la Teoría Marxista: Capitalismo, Fascismo, Populismo**. Mexico D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1977.

LACLAU, Ernesto. **La Razón Populista**. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2016.

LEHMANN, Cris. **Donald Trump and the Long Tradition of American Populism**. 22 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.newsweek.com/donald-trump-](http://www.newsweek.com/donald-trump-populism-365052)

[populism-365052](http://www.newsweek.com/donald-trump-populism-365052)>. Acesso em: 6 mar. 2018.

LIND, Michael. **Donald Trump, the Perfect Populist**. 09 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/magazine/story/2016/03/donald-trump-the-perfect-populist-213697>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

MEAD, Walter Russell. **The Jacksonian Revolt: American Populism and Liberal Order**. *Foreign Affairs*, Nova Iorque, v. 96, n. 2, p. 02 – 07, mar – abr. 2016.

PARRINGTON, Louis Vernon. Introduction. In. SMITH, James Allen. **The Growth and Decadence of Constitutional Government**. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, 1930.

PEW RESEARCH CENTER. **As Election Nears, Voters Divided Over Democracy and ‘Respect’**. 27 out. 2016. Disponível em: <<http://assets.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/5/2016/11/03170033/10-27-16-October-political-release.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2018.

SHAHID, Waleed. **America in Populist Times: An Interview With Chantall Mouffe**. 15 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/america-in-populist-times-an-interview-with-chantall-mouffe/>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TRUMP, Donald J. **Remarks Announcing Candidacy for President in New York City**. 26 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=110306>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TRUMP, Donald. **Remarks to the Detroit Economic Club**. 08 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=119744>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TRUMP, Donald. **Donald Trump Remarks in Charlotte**. 18 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2016/08/donald-trump-never-lie-227183>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TRUMP, Donald. **Remarks on Proposals for the First 100 Days in Office at the Eisenhower Complex in Gettysburg, Pennsylvania**. 22 out. 2016. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=119875>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TRUMP, Donald. ***Remarks in New York City Accepting Election as the 45th President of the United States***. 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=119495>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

ZAKARIA, Fareed. El Avance Del Populismo. ***Foreign Affairs Latinoamérica***, México D.F, v. 17, n. 1, p. 67 – 74, jan – mar. 2017.